

IVO MARTINS

Guimarães Jazz: há registos para memória futura

TEXTOS: RUI SERAPICOS

Sessões com Maria Schneider são pérolas cuidadosamente guardadas entre vários registos das edições do Guimarães Jazz. O director do festival, Ivo Martins, assume o valor que podem no futuro reflectir aquelas e outras gravações. Para já avança o número 3 de uma colecção, em concertos combinados de músicos estrangeiros e nacionais, para a plateia e para o CD. O Guimarães Jazz associou-se à editora TOAP num projecto que visa registar e distribuir em CD certos concertos. Da recente edição 2008 do evento, que mais uma vez encheu por várias noites o Centro Cultural Vila Flor, saiu o volume 2 Guimarães Jazz/TOAP colectivo, com Matt Renzi (saxofone tenor), Jacob Sacks (piano), Bernardo Moreira (baixo) e André Sousa Machado (bateria). Para o ano 2009 está anunciada a edição do concerto da registado a 15 de Novembro deste ano, com Ben Monder (guitarra), Matt Pavolka (contrabaixo), Peter Rende (piano), Alexandre Frazão (bateria) e João Moreira (trompete).



Den Monder, guitarrista que pode ser escutado em gravações ao lado de Chris Cheek, Lee Konitz, Maria Schneider ou Paul Motian, é um dos atractivos do projecto TOAP/Guimarães Jazz. No fim de tarde de 15 de Novembro, os norte-americanos Matt Pavolka (contrabaixo) e Peter Rende (piano) contavam com as boas companhias dos portugueses Alexandre Frazão (bateria) e João Moreira (trompete).

Na plateia do Pequeno Auditório do Centro Cultural Vila Flor figurava, entre outros, José Duarte. "Este concerto vai dar um bom CD", disse o autor de programas de rádio e de televisão que doou o seu espólio, para estudo, à Universidade de Aveiro.

Findo o concerto, o director do festival, Ivo Martins e representantes da editora TOAP apresentaram à imprensa o CD Guimarães Jazz / Colectivo Vol. 2.

Abriam-se garrafas de espumante, Ivo Martins frisou o propósito de prosseguir a parceria com a editora, elogiou a liberdade criativa dos músicos, considerando que tocam em registos que não são comuns nos formatos à venda no mercado.

Correio do Minho — Neste projecto, os músicos tocam com mais

liberdade do que é costume quando solicitados para edições correntes do mercado? As condições de criatividade, em contexto de Guimarães Jazz são muito diferentes e suscitam também resultados diferentes?

Ivo Martins — É uma suposição. Eu não lhe posso dizer por que razão aparentemente, e eu sinto isso, nestes discos os músicos tocam com outro tipo de movimentações, mais livres de informalidade que às vezes aparecem nos discos, onde se não nota tanto essa liberdade.

O que determina isso? Não faço ideia. Não estou no mercado, não faço as regras, não faço a mínima ideia, não sei se há preocupações de aceitação junto do público.

O interessante é notar que há uma certa dose de experimentalismo, de libertação de processos que geralmente nos outros discos não se nota. Quais são as razões? Não sei.

CM — Há músicos que são escolhidos em cada ano para o Guimarães Jazz, em parceria com a editora, em função de um projecto que já é também, editorial?

IM — Sim. É importante conversarmos, discutirmos, pensarmos. É evidente que evitamos processos de repetição, que não queremos imitações, não queremos os mesmos músicos sempre, queremos variar,

"INTERESSANTE É NOTAR QUE HÁ UMA CERTA DOSE DE EXPERIMENTALISMO, DE LIBERTAÇÃO DE PROCESSOS QUE GERALMENTE NOS OUTROS DISCOS NÃO SE NOTA. QUAIS SÃO AS RAZÕES? NÃO SEI."

queremos criar processos.

Também compreendemos que haja pessoas a querer ligar as pontas e a atribuir aos discos alguma coerência.

CM — Mas há ou não uma intenção prévia de prosseguir uma linha coerente? Ou essa é uma constatação a que se pode agora chegar, ao terceiro disco?

IM — Eu acho que não há nenhuma intenção. Nós estabelecemos critérios artísticos de criatividade. Pensamos nos músicos, a editora diz algumas coisas, eu digo outras e tentamos criar processos de não repetição.

Esse é um dos critérios fundamentais.

“ESTE É O PRIMEIRO CONCERTO QUE PUBLICAMOS. ESTAMOS A GRAVAR O SEGUNDO. É PREMATURO FAZER UM BALANÇO. É CEDO PARA DEFINIR UM TRAJECTO, DIZER ASSIM: É PRECISO FAZER ISTO.”

“Fundamental” presença de músicos portugueses



“NÓS TEMOS SEMPRE QUE POSSÍVEL, COM AUTORIZAÇÃO DOS MÚSICOS, REGISTOS DOS CONCERTOS E ATÉ ALGUMA COISA AUDIOVISUAL”.

CM — Uma das linhas comuns de um para outro disco é o encontro de músicos portugueses com outros que vêm de fora. É um acaso, uma coincidência, ou é justamente esta uma das metas a que o projecto se propõe?

IM — Sim. Isso para já tem sido assim. Não sei se é para continuar. Mas acho que a presença de músicos portugueses é fundamental. Considero isso em termos pessoais e quando falo em organização e trabalho julgo que para já se trata de criar interacção entre músicos portugueses e estrangeiros, nem sempre norte-americanos. Há casos de músicos que estão a viver nos Estados Unidos, sendo de origem europeia. O contrabaixista Matt Pavolka é mesmo norte-mericano.

Mas temos de pensar no encontro de músicos e num projecto que se consolida a partir do seu próprio percurso.

CM — A opção é estritamente artística, mas não será completamente indiferente a aceitação por parte do público. Que informações a esse respeito há no que concerne à primeira edição?

IM — A primeira edição foi editada pela TOAP. A editora fez a distribuição, vendeu. A informação disponível digamos assim, não é má.

Há reacções muito interessantes, como é o caso do coleccionismo: as pessoas gostam de ter colecções. E se essa colecção vai do volume 1 ao volume 20 ou 40, as pessoas gostam de os ter todos. Depois as pessoas fazem pontes.

Se tiverem trinta ou quarenta discos, depois ligam-nos; cada um faz as suas ligações. Ainda é um bocado cedo. Este é o primeiro concerto que publicamos. Estamos a gravar o segundo. É prematuro

fazer um balanço, é cedo para definir um trajecto, dizer assim: é preciso é fazer isto.

CM — É vossa percepção que para este produto, que por muito criativo não deixa de ser isso mesmo — um produto, existe mercado?

IM — Sim. Isto é no fundo mais uma ponta do grande iceberg que é o festival. O Guimarães Jazz tem de desenvolver subtilezas de penetração. Pode ser ostensivo, alargar a sua penetração em massa, estender os seus tentáculos, ou evoluir através de uma penetração mais subtil. Por isso, este projecto é acima de tudo um projecto de penetração.

CM — Mais uma âncora do festival?

IM — Uma forma de levantar o festival, de passar para o público através de mais diversas formas.

CM — Pode haver também implícita uma finalidade de criação de uma espécie de registo histórico do festival? A gravação em audio poderá ter esse objectivo, de fixar para a posteridade?

IM — É muito importante. Como imagina, a situação do audiovisual está em amplo progresso e evolução permanente. Pode dizer-se que daqui a uns anos poderá ser muito interessante o que se fez hoje. Tal como será hoje interessante quem possuir discos em vinil do Festival de Cascais.

CM — O Gillespie em Cascais...

IM — Por exemplo, está a ver? Isso é muito importante que se faça.

CM — Para além do CD há algo mais em registo? Há imagens gravadas? O projecto pode evoluir nessa perspectiva, do registo sonoro também para o das ima-

gens?

IM — Nós temos sempre que possível, com autorização dos músicos, registos dos concertos e até alguma coisa audiovisual.

CM — Portanto, esse material existe...

IM — Existe. Existe e tem de ser tratado, trabalhado no futuro. Porque temos um património de dezassete anos de festival, o que é uma coisa muito séria.

CM — Há muitas possibilidades em aberto...

IM — Há muita forma de trabalhar. Não sei se haverá condições para isso, porque há aspectos de direitos de autor, há aspectos que têm a ver com o número de câmaras. Mas, no futuro, sabe-se lá: o desenvolvimento tecnológico é tal que hoje com uma simples Super 8 já se pode conseguir uma coisa fantástica.

CM — Desde a primeira edição do Guimarães Jazz até ao momento presente, as tecnologias do áudio-visual evoluíram muito...

IM — Nós temos feito registos com intenção artística e histórica. Há coisas muito curiosas. Nós temos aqui uma Big Band a funcionar durante quatro dias, dirigidas por uma pessoa importante como a Maria Schneider e temos uma parte substancial dos ensaios

todos gravados, em DVD. Isso, daqui a uns anos, pode ter valor histórico.

CM — A edição 2009 do Festival...

IM — Muito interessante. Há pessoas que compra bilhetes via internet e nós verificamos que vem gente de todo o país. É interessantíssimo perceber isso quando perguntamos às pessoas daqui se conhecem as pessoas que estão na sala e nos dizem que não conhece quase ninguém. É interessante a energia mobilizadora que este festival consegue. Isso cria-nos grandes responsabilidades. O pior que pode acontecer é nós termos tudo isto e agora desbaratarmos. Temos de saber estar ao nível das coisas. É brutal a forma e a capacidade de mobilizar que esse festival tem.

CM — Quando é que começa a preparar a edição de 2009?

IM — Já está em preparação. Muitas coisas já estão trabalhadas, mas não vou dizer-lhe nada

